

## Apresentação

### ***As Formas Fora da Forma e as dificuldades interpostas ao registro documental do evento***

por Alexandre Mate

#### **I. Histórico de mais uma edição do evento *Estudos Teatrais***

Mario Fernando Bolognesi criou em 2008 o evento *Estudos Teatrais*. Naquele ano, a primeira edição foi desenvolvida em três manhãs de novembro, tendo como tema geral *Persona & Personagem*. Alexandre Mate e José Manuel Lázaro de Ortecho Ramírez coordenaram o evento em 2010, desenvolvido em três manhãs e uma tarde, cujo tema geral foi *Dramaturgia: as tessituras da cena*.<sup>1</sup> Alexandre Mate, em 2011, coordenou a terceira edição, realizada de 4 a 7 de julho, tendo como tema geral *As Formas Fora da Forma*. Dividido em quatro manhãs e tardes, com reflexão e experimentação estética, o evento foi dividido da seguinte forma:

- No dia 4, de 9h às 12h, tendo como tema *O circo-teatro brasileiro*, a mesa contou com a participação de Daniel Marques (Universidade Federal da Bahia – UFBA); Daniele Pimenta (Faculdades Integradas Coração de Jesus – Fainc, de Santo André/SP); Cia. Pic & Nic/SP); Fernando Neves e Mario Fernando Bolognesi (Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp). Nesse mesmo dia, de 14h às 18h, foram apresentadas cenas de: *Vem buscar-me que ainda sou teu*, de Carlos Alberto Soffredini e *Sai, despacho!*, de Benjamin de Oliveira, com direção coletiva de estudantes do terceiro ano do curso de Licenciatura em Artes – Teatro, do Instituto de Artes da Unesp.
- No dia 5, de 9h às 12h, tendo como tema *O teatro de revista brasileiro*, a mesa contou com a participação de Alberto Ikeda e Alexandre Mate (Instituto de Artes da Unesp), Carol Bezerra

<sup>1</sup> Na Introdução da *Rebento – Revista de Artes do Espetáculo* nº 1 – julho de 2010 há mais informações acerca das motivações que levaram à realização do evento. Na Introdução da *Rebento – Revista de Artes do Espetáculo* nº 2 – novembro de 2010 são apresentadas mais informações referentes às duas primeiras edições do evento *Estudos Teatrais*.

(atriz-cantora) e Neyde Veneziano (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp). Nesse mesmo dia, de 14h às 18h, foram apresentados esquetes do Teatro de Revista<sup>2</sup> encenados pelo grupo Tia Tralha, formado por estudantes do Ensino Médio, com direção de Alan Livan (mestrando da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp), e números musicais com Carol Bezerra, acompanhada ao violão por Leonardo Santiago.

- No dia 6, de 9h às 12h, tendo como tema *O teatro de feira francês do século XVII e seus desdobramentos*, a mesa contou com a participação de João das Neves, José Fernando de Azevedo (Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo – EAD/USP), Maria Thais (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP) e Robson Corrêa Camargo (Universidade Federal de Goiás – UFG). Nesse mesmo dia, de 9h às 12h, Lúcia Romano (Instituto de Artes da Unesp) ministrou uma oficina de improvisação com base nos expedientes de teatro de feira, retomados por Vsevolod Meyerhold.
- No dia 7, de 9h às 12h, tendo como tema *A ocupação dos espaços públicos pelo teatro de rua brasileiro: de quem é a rua?*, a mesa contou com a participação de Ana Rosa Tezza (Ave Lola e as Meninas Produções Artísticas – Curitiba/PR), Hélio Fróes (Nu Escuro – Goiânia/GO), Licko Turle (Núcleo Nacional de Pesquisadores de Teatro de Rua – Rio de Janeiro) e Lindolfo Amaral (Grupo Imbuça - Sergipe). Nesse mesmo dia, de 14h às 18h, dando continuidade ao intercâmbio desenvolvido entre o Instituto de Artes e representantes do Núcleo Paulistano de Teatro de Rua, foi realizado o *Segundo Fórum de Teatro de Rua de São Paulo*.

Articulado ao projeto *Escambos Estéticos*, da Companhia dos Inventivos – orientado por professores do Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação, em 8 de julho, de 9h às 13h, foi desenvolvida a última das quatro mesas propostas por essa Companhia, cujo tema – *No entrecruzamento dos fazedores de teatro* – norteou a discussão de procedimentos

<sup>2</sup> Há a transcrição de alguns desses esquetes no último bloco desta edição.

e experimentações ligados aos processos de construção do texto. Assim, priorizou-se a adaptação, de cuja mesa – *A adaptação de texto literário para o teatro* – participaram criadores que têm trabalhado com o texto literário adaptado: Aurea Karpov, do Núcleo Cênico Projetobazar (SP); Aysha Nascimento, da Companhia dos Inventivos; Caio Martinez Pacheco, da Trupe Olho da Rua (Santos/SP) e Dorberto Carvalho, da Companhia Insurgente (SP).<sup>3</sup>

Para concluir a semana, com sete dias de atividades, em 9 e 10 de julho, Alexandre Mate ministrou um treinamento com os integrantes da Oigalê – Cooperativa de Artistas Teatrais e outros participantes de grupos da cidade de São Paulo, cujo assunto foi o trabalho com o gesto teatral: *Do gesto ao gestus*.

## **II. As motivações temáticas para o evento *As Formas Fora da Forma***

Todos os que estão envolvidos com processos de criação sabem que, do ponto de vista artístico ou artístico-pedagógico, as produções artísticas, em geral, atendem aos interesses dos grupos hegemônicos. Desse modo, exclui-se da memória documental a totalidade de produções não afinadas formalmente com os cânones e com os padrões de pequenos grupos de elite.

A origem do teatro, as obras consagradas e seus criadores destacados correspondem a certa e afinada produção atinente aos interesses políticos e hegemônicos do momento. Arte e beleza consagram, naturalizam e expandem “padrões de qualidade”. Qualidade e padrão não são abstrações, mas sim conceitos construídos histórica e socialmente com base em interesses bem determinados.

Além de veicular as culturas eurocêntricas e norte-americanas – correspondendo à parcela ínfima do produzido nesses “centros”, em perspectiva hegemônica, que tem servido de/para o aprendizado e o conhecimento histórico-estético do teatro, é preciso que nas universidades outras experiências e produções sejam apresentadas.

---

<sup>3</sup> A transcrição integral do que foi discutido no encontro está disponível no *blog* da Companhia dos Inventivos: <<http://www.ciadosinventivos.blogspot.com>>. Acesso em: 16 fev. 2012.

Assim, na medida em que o estudante, especialmente o de cursos de licenciatura, precisa apropriar-se de certos conteúdos para participar de concursos de ingresso (em que, majoritariamente, serão exigidos determinados conhecimentos), pode-se ampliar o universo de conhecimento dos estudantes por meio das atividades extracurriculares.

O evento *Estudos Teatrais* tem esse propósito: ampliar o universo de conhecimento dos estudantes. Nesse sentido, ao buscar novos parceiros ou parcerias, tende a ocorrer a ampliação de assuntos vistos em sala de aula. Eventos dessa natureza, na medida em que os acontecimentos não são neutros nem existem por si, cotejam olhares e percepções diferentes sobre os fenômenos, em processo de análise que vai se fazendo em relação. Tendo em vista os processos de intercâmbio, pesquisa e prática que vêm sendo desenvolvidos no Instituto de Artes, principalmente com o circo, as danças dramáticas e o teatro de rua, o evento de 2011 buscou imbricar as necessidades de ampliação de seus fazeres e redimensioná-los, contando com o apoio da comunidade externa à vida acadêmica.<sup>4</sup>

### III. Do que se compõe a Rebento nº 3

O leitor da revista *Rebento*, em seu terceiro número, encontrará textos de variadas extensões, decorrentes de uma série de questões nem sempre articuladas e quase sempre imprevisíveis. Em tese, a publicação decorre da necessidade de se registrar as reflexões levadas a termo em encontros presenciais. E na luta, tantas vezes insana, para a publicação do material muito tempo se passa. Professores geralmente têm uma carga de trabalho bastante elevada e pautam suas tarefas de acordo com as cobranças. Da

<sup>4</sup> Nesse sentido, entre outras atividades – imbricando graduação e pós-graduação –, foram desenvolvidos no Instituto de Artes, em 2011: *As Cenas de Rua no Teatro de Rua*, desenvolvido toda última terça-feira do mês (curso, em seu segundo ano); *Seminário Nacional de Dramaturgia para o Teatro de Rua* – em parceria com o Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo; *Escambos Estéticos*, em parceria com o grupo de teatro Os Inventivos, que se constituiu em uma série de quatro encontros para discutir questões ligadas ao teatro de rua, às formas populares de cultura, aos procedimentos épicos no teatro de rua; o consistente trabalho prático desenvolvido pela professora Marianna Monteiro com as teatralidades populares brasileiras, pesquisa lastreada fundamentalmente nas danças dramáticas brasileiras visando incorporar no ensino do teatro as tradições cênicas populares.

participação do debate em uma determinada mesa até a publicação do material outras tantas tarefas surgem. Com relação ao evento *As Formas Fora da Forma* é fundamental esclarecer algumas questões: nenhum profissional recebeu cachê para participar das mesas ou para escrever os textos que comporiam a revista, e que se esperou, o máximo possível, alguma ajuda econômica que viabilizasse a publicação dos textos referentes ao evento. Seria uma indelicadeza solicitar aos profissionais que escrevessem os textos sem ter a certeza de que seriam publicados. Desse modo, dentre tantas inseguranças, como se verá, nem todos os profissionais das diversas mesas conseguiram apresentar textos correspondentes às suas participações no evento em epígrafe.

À Daniele Pimenta, pertencente a uma família circense e pesquisadora do assunto, coube tecer considerações acerca do tema *Famílias circenses: características, glórias e percalços*. Para a pesquisadora, sob uma aparente homogeneidade para o leigo, diversos são os procedimentos utilizados para a manutenção das tradições artísticas circenses. Ao fazer menção à existência de preconceitos contra a linguagem e seus artistas, e o esquecimento no qual hoje se encontra, com o advento do “novo circo” – que contribuiu para a decadência do tradicional –, a pesquisadora acredita que os excessos tecnológicos poderão trazer novamente o público para o velho modelo e suas formas relacionais arquetípicas. Apesar de o assunto não se ligar ao circo, o texto de Mario Fernando Bolognesi apresenta uma reflexão, sempre necessária, sobre a função social da arte e da arte como sucedâneo do engajamento político. Nesse sentido, Bolognesi centra sua reflexão na produção artística no momento em que a Rússia passa a integrar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, revelando os embates entre as tendências de vanguarda em oposição às manifestações do passado. Além de outras considerações referentes às tentativas dos processos de coisificação dos sujeitos, lembra o pesquisador:

A verdade da arte termina sendo aquilo que a Rússia era, tal como aparece nas obras do período. Isto implica admitir que a arte não seja revolucionária porque foi ou é escrita por um escritor

que adotou os princípios da revolução, ou por quem pertence à classe trabalhadora. Ela é revolucionária porque o conteúdo se torna forma. Portanto, em outras palavras, o potencial político da arte reside unicamente em sua dimensão estética. Sua relação com o universo social e econômico é inevitavelmente indireta e mediata. Assim, Baudelaire, Dostoiévski ou Jorge Andrade têm tanto potencial subversivo como as peças didáticas de Brecht. Suas obras agem na subjetividade e, ao contrário do que apregoa o estreito materialismo, a subjetividade tem seu potencial revolucionário, pois a necessidade de uma mudança radical deve ter suas raízes na subjetividade dos indivíduos, em sua inteligência, paixões, pulsões e ideais.

Neyde Veneziano, Carol Bezerra e Alexandre Mate, dentre outros aspectos, destacam o preconceito em relação ao teatro de revista brasileiro e a necessidade de conhecê-lo ou “revelá-lo” para as pessoas. Com *Orfeu da roça*, paródia do ator Francisco Correa Gomes ao *Orfeu no inferno* de Jacques Offenbach, Neyde Veneziano, em suas reflexões, aponta que “[...] com ar de quem ri de tudo (até de si mesmo...)” se inicia um processo de imposição de “[...] tal jeito brasileiro de fazer teatro musical.” Ainda segundo a pesquisadora, esse acontecimento prepara “[...] o fértil terreno brasileiro para o teatro de revista.” Carol Bezerra apresenta sua inserção no universo da Revista como pesquisadora (e a paixão daí decorrente), e alguns relatos sobre sua carreira como atriz e cantora por entre as plagas da forma. Alexandre Mate, por sua vez, compartilha algumas “pérolas” proferidas por gente de destaque sobre a forma, insistindo muito mais nos preconceitos de classe do que propriamente estéticos.

Robson Corrêa de Camargo realiza significativo esforço de pesquisa e cria um texto fundamental para o entendimento dos expedientes estéticos adotados pelos artistas populares (sem nenhuma proteção do Estado), nos séculos XVII e XVIII, para driblar proibições, censura e inveja. Diversos expedientes criados naquele momento, especialmente nas feiras de Saint-Gérmain e de Saint-Laurent, em Paris (França), chegaram ao teatro da contemporaneidade, ajudando a relevar a teatralidade do teatro.

Na tarde do dia reservado para a reflexão acerca do teatro de feira, Lúcia Romano desenvolveu, a pedido da coordenação do evento, uma experimentação prática com estudantes e demais pessoas interessadas com base em algumas proposições meierholdianas. Em seu texto, depois de breve exposição conceitual, a professora apresenta os objetivos e o alcance da atividade desenvolvida naquela tarde.

Lindolfo Amaral, do Grupo Imbuça, de Sergipe, traça uma interessante trajetória do teatro de rua praticado no Brasil, atendo-se à trajetória do Grupo do qual faz parte. Em seu “passeio”, Amaral compartilha informações preciosas sobre alguns coletivos que se dedicam (ou se dedicaram) ao teatro de rua no Brasil. Ana Rosa Tezza tece algumas ponderações relativas à *commedia dell’arte* italiana, destacando, além das dificuldades e conquistas dos artistas ligados àquela forma popular e profissional de atuar, a importância da improvisação. Adailton Alves Teixeira, que tem participado ativa e militantemente da discussão ligada ao teatro de rua na cidade de São Paulo (mas não exclusivamente), discorre sobre a importância da fala de João das Neves referente a um olhar elitizado sobre esse movimento. De modo breve, comenta também sobre o Movimento Brasileiro de Teatro de Grupo. Licko Turle, convidado a participar da mesa sobre Teatro de Rua, relata uma experiência vivenciada em Porto Alegre (RS), em 10 de abril de 2011, alimentado pelas teses de Denis Guénoun – *A exibição das palavras: uma ideia (política) do teatro* – para, de modo sucinto, apresentar o conceito de arte pública.

A professora Iná Camargo Costa, sempre parceira e colaboradora, tendo em vista a ausência de material em português, fez a tradução parcial do texto de Claude Amey *et al. Le théâtre d’agit-prop de 1917 à 1932* (1977), destacando principalmente o item “Métodos e formas específicas”, de Claudine Amiard-Chevrel.

Com formação em Psicologia, Manoela Maria Valério e Tiago Cassoli estabelecem uma reflexão sobre a história do circo, tomando como esteio pontos de vista de uma corrente filosófica premida pela subjetividade. Assim, ao rastream a história do circo, os autores revisitam o circo e seus artistas.

Estudante do curso de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, Rodrigo Morais Leite, com surpreendente agudeza, desenvolve uma reflexão sobre o circo com base em raros comentários da crítica jornalística e da historiografia de Decio de Almeida Prado. A reflexão corresponde ao trabalho final da matéria *O Circo e seus Palhaços: Encenação, Interpretação, Aspectos Visuais e Dramatúrgicos*, ministrada pelo professor Mario Fernando Bolognesi. Estudante da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, também participante dessa matéria, Lília Nemes Bastos – orientanda de Mario Fernando Bolognesi – apresenta como trabalho final excelente análise da peça *A noite dos palhaços mudos*, montada pela Cia. La Mínima, de São Paulo. Em sua análise, a estudante concilia apreciação e teoria circense.

Ao fim e ao cabo, trata-se de uma obra que passeia, flana, atraca, lança âncoras em superfícies e territórios diversos, na tentativa de criar interlocuções pertinentes. Entretanto, compreendendo a base da qual ela decorre (um encontro para discutir formas estéticas consideradas fora dos cânones hegemônicos), é possível compreender seu formato. Como um baralho, constituído de diversas cartas e de algumas formas de articulação, uma revista também apresenta diversas possibilidades, à semelhança de um jogo. Assim, se para Bertolt Brecht jogar implicava:

[...] transformar em decisão a opinião do que joga, na ausência de informações suficientes sobre o jogo dos adversários, é um desafio à sorte e aos determinismos [...]. Quando não jogamos (isto é, quando vivemos pacatamente e sem riscos) também nos decidimos na ausência de informações suficientes, desafiando o acaso e determinismos; portanto, jogamos no mais profundo sentido da palavra. (Brecht, *apud* LEFEBVRE, 1970: 60)

Decorrente do mesmo “filão”, Michel de Certeau defende a tese segundo a qual sempre se escreve sobre algo já escrito. Nesse particular, é fundamental entender que “[...] o que se acha em jogo é o estatuto da análise e sua relação com seu objeto. Como numa oficina ou num laboratório, os objetos produzidos por uma pesquisa resultam de seu aporte, mais ou menos original, no campo onde ela se tornou possível.” (CERTEAU, 1996: 109)

Bob Sousa, fotógrafo que vem se destacando no panorama teatral da cidade de São Paulo, atendeu ao pedido da coordenação do evento para apresentar algumas fotografias feitas durante a 3ª Mostra de Teatro de Rua da Trupe Olho da Rua, desenvolvida na cidade de Santos (SP), de 26 a 30 de janeiro de 2012. A inserção das fotografias de Bob Sousa nesta edição se justifica porque as que foram feitas durante o evento não têm a qualidade necessária para impressão. De qualquer modo, como se tratou de um evento de rua, as imagens selecionadas correspondem aos temas estudados no evento em epígrafe.

Para concluir, além de Rosangela Patriota, é fundamental agradecer aos parceiros que participaram do evento presencial e àqueles que militantemente escreveram os textos desta publicação. *Rebento* nº 3 transformou-se em realidade, também, por meio de gestões desenvolvidas entre parlamentar e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

Juntos em mais uma vitória, a certeza de estarmos fazendo história!

## Referências bibliográficas

- BRECHT, Bertolt. *Apud* Henri Lefebvre. O teatro épico de Brecht como crítica da vida cotidiana. In: Bertolt Brecht *et al.* *Teatro e vanguarda*. Lisboa: Presença, 1970.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes do Fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.



Foto de Bob Sousa. Núcleo Pavanelli de Teatro de Rua e Circo - Cristiana Fabrício no espetáculo *Aqui não, Senhor Patrão!*